timor leste

COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE

PUBLICAÇÃO MENSAL ANO XII PREÇO AVULSO: 100$00 Nº 121 FEVEREIRO 1996

"FORÇAS DA OPOSIÇÃO EMERGEM POR TODOS OS LADOS"

No âmbito das Jornadas da U. Porto, indonésios, portugueses e timorenses encontraram-se de novo em Lisboa. A evolução do regime em Jacarta mereceu particular atenção

Aquando das celebrações do 2º aniversário da PIFA (*Portugal-Indonesian Friendship Association*) que tiveram lugar em Jacarta no final de Janeiro, o Ministro Ali Alatas apelou a que fossem desenvolvidos esforços para promover o intercâmbio artístico entre a Indonésia e Portugal de modo a reforçar o entendimento cultural e social entre os dois povos.

Alatas disse que este intercâmbio não se destinava a substituir a troca de missões culturais, que estava já a ser planeada. "*Vamos avançar com os nossos planos de enviar missões culturais a Portugal, embora devamos encontrar o momento apropriado para o fazer.*" De acordo com o ministro, "*os intercâmbios são necessários porque alguns grupos de pessoas continuam a tentar danificar as relações entre a Indonésia e Portugal, particularmente em relação à questão de Timor Leste.*" (*Kantor Beritas Antara*, 31/1/96).

"AS MUDANÇAS NÃO CAIRÃO DO CÉU"

Tem sido dentro do espírito de estreitar as relações entre indonésios, portugueses e timorenses que a Comissão Organizadora das Jornadas sobre Timor Leste da Universidade do Porto tem vindo a convidar para se deslocaram ao nosso país destacadas figuras da sociedade civil indonésia.

Tal voltou a acontecer durante a sessão destas Jornadas realizada em Fevereiro deste ano, possibilitando a troca de pontos de vista sobre a evolução do regime em Jacarta.

São contributos para esse diálogo, apresentados nesta sessão, que hoje aqui publicamos.

O primeiro é de Liem Soei Liong, um activista da *Tapol*.

"*Nos anos oitenta, era politicamente impensável que os indonésios viessem a Portugal e se pronunciassem contra a agressão militar indonésia em Timor Leste. (...).*

As conferências da Universidade do Porto tornaram-se uma oportunidade para os indonésios falarem abertamente sobre a reali-dade em Timor Leste e reclamarem o direito à autodeterminação. A princípio, apenas indonésios exilados como eu vi-nham a estas conferências mas, nos anos seguintes, os activistas na Indonésia decidiram arriscar e participar, embora por vezes sob um nome falso. Nos últimos dois anos, no entanto, os participantes indonésios deram mais um passo e vieram a público denunciar o seu próprio governo. (...).

A participação indonésia nas conferências do Porto reflectem, de facto, a situação objectiva na Indonésia, isto é, o crescente movimento pró-democracia indonésio.

Durante muitos anos, a guerra em Timor Leste foi uma guerra escondida não só internacionalmente mas também do público indonésio. Também esta realidade se alterou radicalmente nos anos 90. Apesar das restrições à informação, a imprensa indonésia está a dar mais atenção à questão de Timor Leste. Timorenses como Xanana Gusmão ou Monsenhor Belo são hoje nomes familiares na Indonésia. O mesmo acontece com Ramos Horta. O movimento pró-democracia indonésio colocou decididamente Timor Leste na sua agenda, como é evidenciado pela presença aqui dos dois dirigentes sindicais Mochtar Pakpahan e Wilson. (...).

Na Indonésia existem dois grupos de solidariedade com Timor Leste: o SPRIM [Solidaritas Perjuangan Rakyat Indonesia Untuk Rakyat Maubere, *Solidariedade Combativa do Povo Indonésio com o Povo Maubere*], *(...) e a Fundação Leste, uma associação sediada em Salatiga, Java Central. As suas principais actividades são a promoção de iniciativas que aumentem o conhecimento da questão entre os indonésios. (...).*

Cada vez há mais pessoas a falar contra as atrocidades praticadas

neste número:

INDONÉSIA: OPOSIÇÃO EMERGE

MOÇAMBIQUE: MORTE ANUNCIADA?

em Timor Leste. Recentemente, numa entrevista à Radio Nederland, *um oficial indonésio, o tenente-coronel Subianto, revelou que tinha recusado ser enviado para Timor Leste. O oficial explicou porque se tinha tornado um opositor à guerra: Timor Leste já era livre, porque teríamos nós que ocupá-lo? Como consequência desta posição a sua carreira militar acabou.*

As famílias de soldados indonésios mortos também começam a falar e a pedir explicações às autoridades sobre o que aconteceu aos seus familiares. (...).

A situação em Timor Leste é muito repressiva. O exército indonésio está firmemente determinado em dar o golpe final na frente clandestina e nos guerrilheiros das Falintil. Jovens são presos, interrogados, torturados e nos casos piores desaparecem simplesmente e nunca mais voltam a casa.

Nestas últimas semanas multiplicaram-se os confrontos com a guerrilha. Esta situação também está expressa na fuga dos jovens timorenses de Díli e arredores para a Indonésia. (...).

Outra evolução preocupante é o que nós chamamos na Indonésia de premanisasi *da vida política.* Preman *é a palavra indonésia para bandido. Neste caso particular, bandido político. (...).*

O general de brigada Prabowo, comandante dos boinas vermelhas e genro do presidente Suharto, foi recentemente a Timor Leste estabelecer um grupo especial de preman *chamado* Gardapaksi (Garda Muda Penegak Integrasi, *Jovens Guardas para a Defesa da Integração). Este grupo para-militar destina-se claramente a aterrorizar os jovens timorenses. (...).*

Aumentar o terror e a violência no tecido social de Timor Leste só servirá para justificar a presença do exército indonésio, o que é, provavelmente, o objectivo do general Prabowo. (...).

A Indonésia terá dois anos muito instáveis até às eleições gerais de 1997. Todas as instituições políticas da Nova Ordem indonésia funcionam mal. As forças da oposição emergem por todos os lados.

Acredito que uma mudança estrutural está para acontecer. As mudanças, porém, não cairão do céu. O movimento pró-democracia indonésio, os timorenses, a comunidade internacional, todos terão de se empenhar para que as mudanças na Indonésia assegurem aos timorenses os seus direitos fundamentais."

RENETIL: "QUEM HOSTILIZA OS POVOS IRMÃOS"

O segundo artigo é da delegação da *Renetil* em Portugal.

"Quando em Maio de 1974 José Osório Soares anunciou a fundação da Associação Social Timorense - mais tarde APODETI - Nicolau Lobato, então Vice-Presidente da Associação Social Democrata Timorense, fez uma anotação importante: José Osório Soares acabara de legitimar a invasão de Timor Leste pela Indonésia. E, com ela, Jacarta iria perseguir dois importantes objectivos de diferentes termos mas reciprocamente condicionantes: o primeiro a unificação das próprias Forças Armadas (FA) indonésias, cujos diferentes ramos se confrontavam em abertas e contínuas desavenças, e o segundo, condicionado pelo primeiro, a conquista de Timor Leste pelas FA já unificadas. Por outras palavras, sem primeiro concretizar a unificação das suas FA, a Indonésia não ganharia a guerra em Timor Leste e não ganhando a guerra em Timor Leste a Indonésia não conseguiria unificar as suas FA. (...).

Vinte anos de guerra em Timor Leste só fortificaram a proposição de Nicolau Lobato! A Indonésia ainda não ga-nhou a guerra em Timor Leste porque ainda não conseguiu unificar as suas FA. Logo, enquanto essas mesmas FA conti-nuarem desagregadas, a Indonésia não conseguirá conquistar Timor Leste.

Embora não seja muito difícil identificar e isolar os vários factores que se responsabilizam pela desagregação das FA indonésias - ainda que, na aparência, se apresentem muito compactas - contudo, (...) [vamos] *fazer transparecer aqui alguns sintomas e sinais dessa desagregação: o Exército, com a sua* primadona, *os boinas vermelhas, alimenta e proteje o regime de Suharto que lhe permite usufruir os maiores privi-légios em todos os aspectos da vida social, política e económica; a Marinha, marginalizada, com profunda nostalgia evoca os áureos tempos de Sukarno em que se mimava com desafogo, enquanto que a Força Aérea não possui nem passado de que se possa orgulhar nem futuro que lhe possa algo prome-ter.*

Quanto às forças policiais, adik *(irmão mais novo) das TNI* (Tentara Nasional Indonesia, *Exército Nacional Indonésio), são apenas a extenção dos mortíferos tentáculos do* kakak *(irmão mais velho) para reprimir e explorar. Daí que o ressentimento, a inveja e o ciúme cresçam e abundem no seio de todos os ramos das FA.*

Desencadear uma guerra apoiado numas FA com interes-ses assim tão conflituosos relega a estratégia da própria guerra para plano secundário já que a maior parte das energias disponíveis deve ser destinada para congregar, unificar e solidificar essas mesmas FA.

As suas consequências mais próximas são, necessariamente, o desperdício dos recursos nacionais para perseguir objectivos, não propriamente militares mas meramente organizacionais. E quanto mais longo o processo de consolidação interno das FA indonésias, maior é o desperdício a suportar por toda a economia nacional.

O desperdício dos recursos naturais indonésios para sustentar a guerra em Timor Leste (e outras no Ache e na Papua Ocidental) e efectivar campanhas diplomáticas para mobilizar a opinião [pública] *internacional a seu favor, está reflectido no seu desempenho económico, cada dia mais aberrante: alta inflacção, contínuo défice na balança de transações correntes, alta percentagem do serviço de dívida, constante depreciação da moeda, taxas estranguladoras, desenfreada improdutividade nacional, disparidade na distribuição do rendimento nacional, etc, etc.*

Para se esquivar das recriminações públicas, o chauvinista 6º Governo da Orde Baru *(Ordem Nova), servindo-se de todos os meios ao seu dispor, anuncia e propaga números sensacionais sobre o desenvolvimento económico (...).*

Todavia, análises comparativas, quer por organizações internacionais como o Banco Mundial, o FMI e outras, quer por grupos independentes (...), projectam uma imagem diferente daquela que Suharto e a sua clique imprimem sobre a economia da Indonésia. Dessa diferença surgem debates e polémicas cujos reflexos conduzem o povo indonésio à conclusão o rei vai nu.

O descrédito do Governo (...) instiga as massas populares a fertilizar a alternativa de um Governo mais sadio, suportado por um sistema mais compatível com os interesses comuns.

A erupção de organizações de massa com orientação política clara e determinada (...) é o reverso do Governo de Suharto e dos seus aparelhos de repressão. (...).

Note-se ainda que, embora não gozando de reconhecimento legal, todas as organizações de massa referidas são lideradas, directa ou indirectamente, por altas patentes das FA indonésias e por académicos de renome internacional que, em fora *abertos e concorridos, explanam programas e objectivos diametralmente opostos aos proclamados e defendidos pelo Governo.*

Face ao actual contexto na Indonésia, não existe veleidade da parte do Povo Maubere em derrotar o povo irmão Marhaen, como também não existe por parte do Povo Maubere a resignação de se deixar exterminar pelo Povo Marhaen. Está por demais claro que é Suharto quem hostiliza estes dois povos irmãos."

MORTE ANUNCIADA?

O governo moçambicano dá sinais de querer aproximar-se de Jacarta. O anúncio da morte de uma solidariedade institucional?

Em 21 de Janeiro passado o *Domingo-Semanário* publicou o que viria a ser o último artigo de Carlos Vilares, coordenador do grupo de solidariedade com a causa timorense, que viria a morrer dois dias depois. É uma abordagem crítica da evolução da política externa daquele Estado africano para com Timor Leste. O título é da nossa responsabilidade.

"Assente numa firme política de princípios e numa prática consequente, Moçambique iniciou há 20 anos o seu apoio ao movimento de libertação nacional timorense. Duas décadas depois a constatação mínima a fazer é que é de todo invisível o que faz Moçambique por Timor Leste actualmente.

Em Fevereiro de 1995 o governo eleito de Moçambique colocou Timor na sua agenda e tomou várias medidas, cuja continuidade e resultados não são conhecidos. No 2º trimestre o governo definia a sua política timorense, que incluía uma proposta de criação de uma frente unida dos 'Cinco'. Saudámos estes desenvolvimentos e aguardámos a prática governamental. E continuamos aguardando pacientemente.

Onde o governo de modo nenhum podia permanecer silencioso, fê-lo contra todas as expectativas da opinião pública. Moçambique não se pronunciou por Timor na Cimeira dos Não-Alinhados e no jubileu da ONU, não condenou a presente vaga de repressão em Timor Leste, nem saudou os mauberes, no 20º aniversário da sua luta. (...).

Este governo ainda pretende apresentar-se como o linear continuador da outrora prestigiada política timorense de Moçambique e recentemente declarou, tanto oficialmente como em privado, que não está pressionado a abandonar a questão maubere, donde se conclui que a sua prática é então inexplicavelmente premeditada. Por outro lado, fontes oficiosas dizem-nos que o governo não está em condições internas e internacionais de apoiar Timor e que a solidariedade deve passar para o parlamento, que por sinal não faz a diplomacia moçambicana.

A actual política timorense de Moçambique tem as seguintes características:

1 - Evitar a confrontação com Jacarta mesmo que à custa do apoio à causa maubere;

2 - Induzir a opinião publica a pensar que o apoio a Timor Leste deve actualmente fazer-se sem ferir os interesses nacionais de Moçambique e que a nossa sobrevivência nacional passa necessariamente pelo aprofundamento das relações com Jacarta, porta-aberta para a ASEAN;

3 - Para consumo interno, manter uma retórica de apoio a Timor Leste;

4 - Não participar em qualquer debate da sociedade civil sobre Timor;

5 - Estar no esforço internacional pela causa maubere, mas sem desempenhar qualquer papel activo;

6 - Aparentar um rumo político e seguir rigorosamente o sentido da ambiguidade.

A opinião pública tem consciência desta evolução: é o analista que incentiva ao namôro com Jacarta, (...), é a imaginadancias a satirizar uma adesão moçambicana à ASEAN, etc.

Não é casual que no ano findo o grupo de solidariedade tenha sido pela primeira vez alvo de intimidações de círculos mais 'papistas que o Papa', que acham que a nossa função deve ser evitar críticas ao governo!!!

O governo moçambicano, que não é pro-indonésio e mantém um relacionamento envergonhado com os timorenses, está na trajectória de abandonar definitivamente a questão maubere, que provavelmente não sobreviverá a 1996 na política externa. Quis o governo que não questionássemos as relações Maputo-Jacarta e nós respondemos positivamente. Pediu o grupo de solidariedade que o governo apoiasse, de facto, os timorenses e a resposta é negativa.

O grupo de solidariedade vai tentar mobilizar todo o parlamento para alterar este estado de coisas. Ao mesmo tempo abriremos na sociedade civil novos espaços de acompanhamento e debate da questão.

O grupo de solidariedade tinha já realizado tarefas pontuais na antiga Assembleia Popular e depois na AR mono-partidária.

A 25 de Janeiro do ano anterior entregámos ao novo parlamento, pluri-partidário, a nossa proposta de criação do grupo 'Parlamentares por Timor Leste', dando inicio ao nosso trabalho permanente com os deputados.

Combinando várias formas de divulgação, usando o método de todos nos verem a trabalhar com todos, contando com o valioso contributo da Comissão de Relações Internacionais e dos lideres de bancada, fazendo um 'homem-a-homem' nas três bancadas parlamentares, desligando a questão maubere do 'fogo cruzado' e da lógica da conflituosidade inter-partidária, promovendo o principio de servir e não servir-se de Timor e protegendo sempre o carácter apartidário do grupo de solidariedade, chegámos em Dezembro a bom porto: na Assembleia da República de Moçambique não há partidos pró-indonésios, há sim 250 amigos do povo timorense.

A 7 de Dezembro as três bancadas saudaram por aclamação o 20º aniversário da resistência timorense e a 21 formou-se o grupo 'Parlamentares por Timor Leste', também a partir das três bancadas. (...). Tivemos de vencer alguns obstáculos: demonstrar que não queríamos questionar o papel histórico e responsabilidades especiais do partido governante na questão maubere, convencer os mais fervorosos partidários que não íamos ultrapassar a AR e assumir o controlo da questão timorense, defender que a questão era de todo o parlamento e já não só de um partido, comprovar que éramos independentes também dos próprios movimentos timorenses, rejeitar interpretações burocráticas da nossa proposta e garantir que ela não continha intenções ocultas, argumentar porque deve um grupo de solidariedade escrever para todos os jornais e provar que o mesmo não pode ser pró ou anti-governamental, mas somente apoiante ou crítico de determinada política, etc.

Com os mesmos princípios e estratégia prosseguiremos o nosso trabalho no parlamento. Queremos que a AR leve o governo a retomar de facto uma verdadeira política de apoio a Timor Leste. Nada nos diz que a unanimidade parlamentar vai fracturar-se neste ponto.

Respeitaremos a estratégia de cada bancada, interessa-nos só o resultado definitivo.

No termo deste ano estaremos aqui para o balanço do nosso trabalho e, em função dos resultados, redefinir a nossa estratégia."

AUSTRÁLIA: NOVAS TÁCTICAS

Em sinal de protesto pelos incidentes ocorridos aquando da inauguração do novo seminário de N.S. Fátima, em Díli, um grupo de australianos do AFET (*Australians for a Free East Timor*) concentrou-se no dia 6 de Fevereiro à porta do consulado indonésio em Darwin.

Seguindo uma nova táctica que se tem mostrado de grande impacto, os manifestantes fotografaram o pessoal consular à medida que este ia chegando (o serviço abriu às 10 h em vez das habituais 8,30 h). Na ocasião dois funcionários insurgiram-se contra o procedimento dos manifestantes, alegando que não estavam interessados em política mas simplesmente em fazer o seu trabalho, ao que aqueles responderam que não existem desculpas quando se trabalha para uma mafia que continua a cometer atrocidades em Timor Leste e na Papua Ocidental, para além da própria Indonésia.

No dia 12 uma nova vigília voltou a ser organizada. Mais uma vez os funcionários consulares voltaram a entrar tarde. Entre os visitantes daquele dia encontravam-se vários oficiais do exército e da marinha da Austrália que ficaram profundamente incomodados pela presença dos manifestantes e que esconderam as caras ao serem fotografados.

A 19, mais uma concentração à porta do consulado. Conforme os manifestantes vieram depois a descobrir, por fontes próximas do pessoal do consulado, o Cônsul, coronel Widodo, acompanhou o desenrolar dos acontecimentos "abrigado" na parte de trás de uma carrinha estacionada no interior do consulado. Uma táctica nova, também aqui.

INDONÉSIA: *HACKERS* POR TIMOR

Um grupo de piratas informáticos (*hackers*) conseguiu ter acesso a uma das maiores redes informáticas do governo indonésio e semear o sistema com mensagens apelando para a libertação de Timor Leste. Assim rezava um despacho da *AFP* de 8 de Fevereiro proveniente da capital indonésia que acrescentava que a descoberta das mensagens tinha levado ao encerramento da *home page* da *IptekNet*, uma rede ligando 30 instituições governamentais, entre as quais o Departamento de Indústria e Comércio, o Instituto Nacional do Espaço e Aviação e o Instituto Indonésio das Ciências.

O programa *Casos de Polícia* da *SIC*, na sua emissão de 14 de Fevereiro, veio fazer luz sobre este "movimento" de *hackers* solidários com Timor Leste. De acordo com o programa, foi um jovem pirata informático português de 23 anos o autor desta violação da segurança da *Ipteknet*. O jovem, de que vimos imagens - sem que, porém, fosse possível identificá-lo - a entrar no servidor da rede e a alterar a respectiva *home page* introduzindo a mensagem "*Free East Timor*", disse que o seu acto se limitara a esta modificação e a enviar uma mensagem para todos os utilizadores daquela rede convidando-os a visitar a *home page* para tomarem conhecimento das "*novas orientações do governo indonésio para o problema de Timor Leste*".

BRASIL: SOLIDARIEDADE MUNICIPAL

As Câmaras Municipais de Carapicuiba e Jacareí, ambas no Estado de S. Paulo, aprovaram no passado mês de Dezembro (a propósito do 20º aniversário da invasão de Timor Leste) moções de apoio ao povo timorense. Ambas, em breves introduções, fazem o historial da luta deste povo desde aquela data, relevando o seu direito inalienável à liberdade e autodeterminação. A moção aprovada pela Câmara de Carapicuiba destaca ainda a importância cimeira de Xanana Gusmão, apelidando-o de "*outro Mandela - tão incómodo na prisão quanto no campo*".

A moção da Câmara de Jacareí refere que "*o Brasil precisa se manifestar pela implantação da democracia naquele território, que tem em comum connosco o idioma*". Acrescenta ainda que o Brasil é um país que continua "*lutando*" pela democracia e garantia dos Direitos Humanos e que deve "*denunciar essa ditadura através da pressão internacional que exija a retirada das tropas indonésias*".

Estas moções foram enviadas ao Secretário-Geral da ONU, ao Presidente do Brasil Henrique Cardoso, ao Congresso Nacional Brasileiro e aos órgãos de comunicação.

CDPM/U.COIMBRA: COOPERAÇÃO

Vai ser assinado no próximo dia 1 de Março - 706º aniversário da criação da Universidade de Coimbra - o protocolo de cooperação entre a Reitoria desta universidade e a CDPM, visando a partilha de recursos informáticos e de informação para uma melhor prestação da *TimorNet*, um serviço informativo sobre Timor Leste residente num servidor da U.C..

Nos termos deste protocolo, "*a CDPM fornecerá (...) todos os dados que considerar relevantes*", nomeadamente "*o acesso e o direito de divulgação pela rede Internet de imagens, sons e sequências filmadas que constem do seu acervo e sobre os quais não existam direitos autorais pendentes, bem como a possibilidade de divulgação, pela mesma forma, do seu ficheiro bibliográfico.*"

O acto de assinatura será presidido pelo Reitor da Universidade, Prof. Rui Alarcão.

DIRECTOR: António Pinto Pereira PROPRIETÁRIO: Comissão para os Direitos do Povo Maubere SEDE: R. Pinheiro Chagas, 77-3º E, 1050 Lisboa, Tel.: 352 8718, Fax: 353 4009
E-mail: cdpm@gn.apc.org IMPRESSÃO: Grafis, Coop. de Artes Gráficas TIRAGEM: 1.000 ex. ASSINATURA ANUAL: 1.500$00 REGISTO DGCS nº 112094 DEP. LEGAL: nº 25317